

## ROUSSEAU: UMA EDUCAÇÃO INCONFORME

*Cheron Zanini Moretti \**

STRECK, Danilo Romeu. **Rousseau & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2004, 136p.

Em tempos de transições paradigmáticas, o convite que o autor nos faz a dialogar com Jean-Jacques Rousseau (1712-1778) revigora as possibilidades de pensarmos uma educação de nosso tempo. A partir do Rousseau que “inventou a infância” e, por outro lado, a despeito dos vacilos morais que Rousseau pudesse ter cometido, Danilo Streck adverte-nos que se trata de discutir as contribuições do filósofo para além dos limites de seu tempo, e a forma como a sua obra nos faz sermos atuais hoje, como educadores e educadoras que pensam e lêem o mundo.

Ao longo do texto, vamos percebendo estas aproximações e as reflexões propostas a partir do legado da pedagogia moderna em duas direções: na defesa da autonomia individual, para que as pessoas não corram os riscos de “se perderem nas massas”, e na ampliação dos espaços educativos. Assim, Streck, ao final do livro, explicita a atualidade de Rousseau no reforço do papel pedagógico de uma comunidade que, em nossos tempos, converge para experiências como o Fórum Social Mundial, enquanto um dos lugares de encontro dos sujeitos pedagógicos que “colocam o desafio de pensar uma outra educação dentro de um outro mundo” (p. 104). Cabe lembrar que o Fórum Social Mundial surge em 2001 como um contraponto ao Fórum Econômico Mundial, realizado em Davos, na Suíça, pelas grandes potências capitalistas. Neste sentido, a sociedade em movimento, a partir de pontos específicos das

---

\* Mestranda em Educação pela Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos); Bolsista Capes/Prosup. E-mail: [cheron.moretti@gmail.com](mailto:cheron.moretti@gmail.com)

suas lutas e reivindicações, tende a um todo complexo, o que equivaleria à construção de um novo contrato social, muito mais abrangente e que, nas palavras de Streck, “dê conta do local, do nacional e do global; que considere ao mesmo tempo as igualdades e as diferenças; que estabeleça uma nova relação com a natureza e que desenvolva novas institucionalidades para a democracia” (p. 89).

Ao propor ligar a obra de Rousseau a perguntas relacionadas ao nosso tempo, Streck preocupa-se, por exemplo, em recuperar a “recepção” do pensador iluminista na América Latina, o que faz com que, em pelo menos dois momentos, aproxime as concepções rousseauianas com as de Paulo Freire. Já em outros momentos, pensadores contemporâneos a Rousseau são “convocados à aproximação ou ao distanciamento” de suas idéias. No conjunto, a argumentação do autor vai encontrando vários cuidados para manter as propostas de Rousseau dentro do seu tempo histórico. Porém, como nos alertara na abertura de *Rousseau e a Educação*, esse filósofo “é uma das figuras diante das quais não se pode manter a neutralidade e nem a passividade” (p. 4). Talvez por isso, encontremos em Streck uma insistente construção acerca das relações de gênero do mundo moderno e o mundo privado de Sofia e das mulheres.

Danilo Streck divide o livro em sete momentos ou capítulos sendo que, de imediato, preocupa-se em situar o leitor e a leitora em relação ao novo mundo, pré-revolucionário, que cerca Rousseau. De forma alguma se trata de fazer um resgate histórico mas, a partir de Rousseau, de reconstruir as dimensões do tecido social do qual ele é parte e que o cerca, bem como a sua relação com o poder e os poderosos. Assim, em *O mundo de Rousseau*, Streck situa o advento da família como instituição da modernidade, passa pela educação que se desliga das “mãos” da Igreja até a organização do Estado-Nação, do qual somos herdeiros diretos. Streck salienta, então, o modo como as obras de Rousseau se vinculam a esse mundo, em especial, o modo como ele irá opor-se à autoridade eclesiástica. Nesse sentido, podemos dizer que elas se encontram dentro de um processo de laicização das relações em

todos os espaços de convívio e, em consequência disto, ele critica a relação do poder político com a Igreja e a naturalização do direito divino dos reis, em três vertentes: a partir da sua *visão de Deus e de religião*, espelhadas no homem natural onde “os desejos de cada um correspondiam às necessidades de todos” (p. 21); depois, através da crítica à *autoridade da Igreja*, no que diz respeito à sua autoridade ou da tradição para julgar a verdade, pois esta seria tarefa da razão e da consciência. A última crítica tem a ver com o *ensino da religião* que, para ser verdadeiro, deveria partir de perguntas das crianças e dos jovens desde onde se encontram. Assim, o mundo de Rousseau é o do século da Revolução Industrial e da Revolução Francesa, das Declarações dos Direitos do Homem e do Cidadão e “também o século da esquecida Declaração dos Direitos da Mulher” (2004, p. 24), proposta por Olympe de Gouges à Assembléia Nacional da França. Considerada contra-revolucionária ao propor a igualdade de direitos aos homens e às mulheres, foi denunciada como mulher “desnaturada” e, em consequência disto, condenada e guilhotinada em 1793.

No segundo momento, em *Os sentidos da Educação*, Streck nos desafia a acompanhar e a conhecer o lugar de Rousseau na Pedagogia Moderna através dos sentidos da educação sob a orientação de três temas: a educabilidade do ser humano, a autonomia ou a idéia de um projeto emancipatório e os mestres ou as educações de Rousseau. No primeiro tema, destaca-se o sentido amplo da educação como algo natural de qualquer *ser vivo*, distinguindo-se o homem através de sua possibilidade de ser um agente livre. “A meta da educação seria formar esse agente livre. Mas o que nos faz crer na própria possibilidade de educar alguém para qualquer coisa?” (p. 26). Com isso, surgem os estudos da infância e, no passo seguinte, já a criança sendo o centro do processo educativo, deve-se buscar aquilo que faz alguém querer aprender. A educabilidade de que fala está na distância entre o desejar e o poder. Para Rousseau, a autonomia não se restringe ao pensamento, mas se manifesta no cotidiano, ao reduzir a dependência do outro. A partir desta perspectiva, Streck desenvolve três idéias que contribuem

para a compreensão do sentido de autonomia em Rousseau: valorização do *indivíduo* pela busca da sua essência, já que o homem natural se caracteriza pela independência em relação ao outro (esta visão fica mais explicitada quando *Emílio* é “construído” como educando). A segunda idéia diz respeito à legitimidade para garantir ou promover a *liberdade*. Então, como organizar a sociedade e manter as instituições sem que se retirem as liberdades? Assim, Rousseau relaciona a educação do seu educando *Emílio* ao contrato social coerente ao seu modelo de educação. A autonomia “não pode ser confundida, em Rousseau, com falta de responsabilidade pelo todo. A partir da vontade geral, forma-se um ‘corpo moral e coletivo’ que dá origem ao Estado” (p. 32). A terceira idéia trata da *igualdade* ou das condições objetivas para a realização da felicidade, conforme a observação de Streck. As três educações de Rousseau se relacionam aos vários lugares onde se aprende e aos muitos mestres que ensinam: a educação da natureza, a educação das coisas e a educação dos homens. Como uma arte, a educação perfeita é tarefa impossível. Porém, é através dela que se desenvolvem meios para a sobrevivência. No terceiro momento de construção de sua argumentação sobre a relação de Rousseau com a Educação, Streck desenvolve as características e as idéias que rondam a educação do Emílio. De acordo com o próprio Rousseau, esta é a sua mais polêmica obra. Não por acaso, suas idéias contrárias ao governo e à Igreja custaram-lhe sua condenação pelo Parlamento de Paris e a queima de seu livro, já que desafiava o poder político em decadência.

No terceiro capítulo, nosso autor vai apresentar-nos uma discussão sobre *A Educação do Emílio. Emílio ou Da Educação* é um tratado da educação que tem um projeto de formação do homem. O autor destaca o fato do *Emílio* e o *Contrato Social* (1762) terem sido escritos ao mesmo tempo e que por isso mesmo um é, de algum modo, um complemento para o outro, uma vez que o educando de Rousseau não é planejado sem o seu momento de “entrega” ao convívio em sociedade e, conseqüentemente, entregue às regras que regulam as relações entre os homens. Neste sentido, Streck destaca algumas idéias que, de acordo

com a sua leitura, “deram ao livro [o *Emílio*] o lugar que hoje ocupa na história da pedagogia” (p. 38): a *primeira educação ou uma gramática da infância* corresponderia ao momento do início da constituição de homens sociáveis para a sociedade e cidadãos para o Estado, sendo a fase da educação dos sentidos; *uma razão sensitiva* indicaria a fase de constituição do ser moral, pois assim como a infância tem a sua gramática, ela também tem a sua forma de pensar; logo, se “a razão é uma faculdade humana mais complexa e que precisa de mais tempo para a maturação, querer usá-lo no ensino das crianças é começar a educação de trás pra frente” (p. 43); em seguida, nos propõe a *educação útil*, onde o critério educativo estabelecido é a utilidade num mundo em que as pessoas já não se constituem pelo nascimento, orientando-as na criação das condições para se ganhar e se fazer a vida em sociedade; e, por fim, o *conhecimento do homem* através do estudo da História como leitura do coração do homem, na aproximação com a religião de forma que os mistérios sejam compreensíveis e na educação do gosto em direção da natureza.

*E Sofia? A educação da mulher* é o quarto momento do livro. Streck se dedica nesta parte a discutir o espaço da Sofia e a educação da mulher a partir da proposta rousseuniana. Sofia não é a imagem ou a construção da mulher perfeita como seu educando Emílio, aliás, esta sua condição é refletida como a adaptação às necessidades dele, uma vez que a mulher aparece como a responsável por inserir o homem no mundo social. O convento, lugar da educação de Sofia porque pelo menos há “possibilidade de exercícios físicos, liberdade para brincar e viver de acordo com a sua idade” (p. 59), é o mundo privado da educação de Sofia. Assim, Rousseau vai atribuindo outros limites a sua educanda, naturalizando brincadeiras e costumes no universo feminino, como o cuidado aos filhos e às prendas domésticas. A mulher está sempre sujeita ao juízo masculino porque os homens são privilegiados pela natureza. Além disto, a Sofia tem de ser preparada para ser mãe, aquela que vai criar o cidadão para o contrato social, pois ela aprendeu a controlar seus sentimentos em função da garantia da ordem civil. Assim são

justificados os novos papéis dos homens e das mulheres na sociedade, na consolidação do modelo nuclear da família moderna através do casamento. Rousseau não terminou um livro no qual daria continuidade aos caminhos de Emílio e Sofia, mas sabe-se que é bem possível não terminarem juntos a história de união.

Num quinto momento ou capítulo, intitulado *Natureza, Cultura e Educação*, Danilo Streck propõe trazer algumas idéias de Rousseau que perpassam a sua teoria pedagógica, nos falando sobre as diferenças entre as pessoas, algumas das quais podem ser atribuídas à natureza ou à cultura. Passando por uma breve leitura dos contratualistas modernos, como Thomas Hobbes (1558-1679) e John Locke (1632-1704), o autor faz referência ao *mito do homem natural*. A partir das distintas visões de organização do convívio das pessoas em sociedade, explicita então a diferença de Rousseau em relação a esses outros pensadores. Neste sentido, para Rousseau, o retorno ao estado natural é impossível, “por ver no estado de natureza uma espécie de paraíso perdido” (p. 71). No desenvolvimento do capítulo, Streck segue trazendo uma das diferenças entre a cultura e a natureza em Rousseau: o sexo do educando. Isto significa considerar que a mulher nasce “com todos os requisitos necessários para ser mãe esposa” (p. 74), prescindindo da própria educação ou de uma educação mais completa. Além disto, o autor destaca o método de estudo da sociedade elaborado por Rousseau.

A proposta de Streck ao apresentar as discussões sobre a educação a partir de Rousseau nos remete não apenas à explicitação do pensamento rousseauiano, mas também a uma leitura sobre os ensinamentos em termos de construção da teoria pedagógica. Por isso, em *Saberes da Teoria Pedagógica*, sexto capítulo do livro, fazem-se várias perguntas, tratando de temas como a relação entre a razão e a paixão na arte de educar, o projeto de formação humana e a visão utópica de Rousseau. Para o autor, a contribuição de Rousseau está em possibilitar “se pensar uma paidéia para esse nosso momento de transição [...] a volta a Rousseau parece, sobretudo, oportuna quando um amplo movimento pedagógico procura reinventar a comunidade educadora” (p. 94).

Danilo Streck cumpre assim a tarefa de desafiar o leitor e a leitora a retornar aos clássicos. Para finalizar, na sétima parte da obra, encontramos as relações entre *Rousseau e a educação latino-americana*. O autor aguça a nossa curiosidade ao tratar da recepção de Rousseau na América Latina apresentando dois outros pensadores da educação: Paulo Freire (Brasil) e José Martí (Cuba).

Ao fim do texto encontramos ainda bons *sites* de consulta sobre a vida e a obra de Jean-Jacques Rousseau e seu legado aos fundamentos da educação, além de uma cronologia de fatos e eventos da vida do filósofo que podem servir de convite a conhecer mais o seu mundo e seu tempo histórico do qual temos muitas heranças.